



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**REFAZENDO O CAMINHO DA ROÇA: DIÁLOGOS SOBRE A
CULTURA CAMPONESA EM LAGOA DA AREIA DOS MARIANOS**

Simone Lopes de Almeida*

REFAZENDO O CAMINHO DA ROÇA

As representações que os camponeses de Lagoa da Areia dos Marianos bordam sobre seu lugar e seu ambiente é o que orientam sua atuação e intervenção social. Em nosso caso estamos vivenciando um estudo de caso, baseado na memória coletiva desta comunidade e procuramos está realizando um diálogo com as representações e narrativas dos camponeses e camponesas aqui postos enquanto protagonistas. Se fazendo da oralidade como elemento fundante e crucial na articulação entre memória e história. Tomamos como referenciais esses focos de análise investigativa: as narrativas, a memória e a história, que inspiram - nos aqui, no sentido teórico – metodológico, e por último, mas não menos importante, o tempo, como elemento condutor da história, expresso nos recortes construído e ressignificado cotidianamente e expressados pela comunidade.

Nós temos noção de tempo expresso em História e Memória de Jacques Le Goff (2000), quando nos coloca que a ciência cronológica auxilia a ciência histórica, e que o tempo possui muitas faces em qualquer outro ramo da ciência, porém e na arena da história onde o tempo se expressa de forma crucial, não só no que tange a noção de duração, de tempo vivido, tempo simbólico ou subjetivo. Mas em Lagoa da Areia dos

* Mestranda em História - Universidade Federal de Alagoas – UFAL

Marianos há situações que são novas para o cenário camponês, um exemplo, a chegada da energia elétrica, recente na comunidade, isso remete um signo da modernidade, porém muitos ainda preservam em casa um lampião ou candeeiro para o lumiar da escuridão. São as vicissitudes do tempo, “o tempo histórico encontra, num nível muito sofisticado, o velho tempo da memória que atravessa a história e a alimentar.” (LE GOFF, 2000 p.13). A memória coletiva construída pelos camponeses é feita a partir do modo vivido por eles, ou seja, suas condições sociais vivenciadas no presente.

Mas passado e presente se concebem mutuamente, seja na concretude de suas ações, seja no imaginário que se torna também realidade quando dão sentido a suas vidas. Inclusive Bosi (1983), confirma: “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”. São essas representações que fortalecem a identidade camponesa e a reconstrução dos passos assume papel fundamental para homens e mulheres que constroem e reconstróem seu imaginário incessantemente.

A história nos faz tomar posição frente ao desafio de compreender as comunidades camponesas para além do rural (que vem do grego = rude), da profissão agricultor (do grego agre = azedo). O campesinato brasileiro constituído historicamente ou originários das lutas pela reforma agrária e hoje em situação de assentados. Têm em si a complexidade de saberes acumulados e que estão expressos bibliograficamente ao longo da história ou nos significados simbólicos que a cultura coletiva vivenciada lhes proporcionou (CARVALHO, p. 2009). No que se concernem os valores constituídos nos signos, a história cultural procura o sentido particular, sinais, pequenos retalhos que tece a construção da vida camponesa.

São os protagonistas desta história que melhor podem revelar - se oralmente e simbolicamente, construindo sua própria narrativa, entretecendo o caminho da roça com a natureza, a religiosidade, as relações familiares, de vizinhança e as decisões comunitárias. A história de vida como instrumento de pesquisa para melhor compreender o universo camponês. A coleta de informações contidas na vida pessoal de um ou vários [...]. As formas novas valorizam a oralidade, as vidas ocultas, o testemunho vivo de época [...]. (CHIZZOTTI, 2005, p. 95). Muito provavelmente as narrativas históricas sobre o campesinato não manifestadas ocultam o cotidiano de homens e mulheres comuns, pois encerram suas pesquisas nos grandes acontecimentos, ou na história do camponês explorado, sem terra, expulso e exprimido nas cidades pelo êxodo rural, além disso o

camponês, se firma mais que a história dos vencidos, dos atrasados e deserdados da sociedade. Ser camponês dá ao homem e a mulher do campo a condição de construtores de identidades.

ENTRETECENDO LAGOA DA AREIA DOS MARIANOS E A HISTÓRIA CULTURAL

O imaginário popular nas comunidades camponesas constitui patrimônio cultural e imaterial desses lugares. Levamos em consideração o quanto estas histórias contadas, fazem parte do cotidiano e da identidade dos moradores de Lagoa da Areia dos Marianos, enquanto personagens e fontes dessas histórias, relacionada e passadas oralmente, as mesmas cimentam em valores culturais, além de produzirem o desenvolvimento local. Logo, a História Cultural privilegia temas e termos até então ignorados pela historiografia tradicional.

Quando mencionamos a História Cultural e fazemos uso de seus conceitos, logo tendemos a construir um panorama cercado de perspectivas e de natureza ainda inovadora no interior da ciência histórica, por se tratar de uma abordagem sobre diferentes contextos, leituras, temas e intenções que marcam esta linha de pensamento e escrita da história. Trata-se de então, compreender o passado, recuperando sua necessidade interna, o da memória e imagética. Rompendo com a tradicional história linear, ininterrupta e documentada. Assim Foucault (1979), disse:

É preciso despedaçar o que permitia o jogo consolante dos reconhecimentos. Saber, mesmo na ordem histórica, não significa 'reencontrar' e sobretudo não significa 'reencontrar-nos'. A história será efetiva na medida em que ela reintroduzir o descontínuo em nosso próprio ser. Ela dividirá nossos sentimentos; dramatizará nossos instintos, multiplicará nosso corpo e o porá a si mesmo (...). É que o saber ao é feito para compreender, ele é feito para cortar. (FOUCAULT p. 27).

A história reduzida a discursos, documentos e monumentos, a temporalidade se dissolve, e objetos históricos tradicionais já não se sustentam com tanta obviedade. Esse novo jeito do fazer historiográfico, abole radicalmente as estruturas reconfortantes e seguras do tradicionalismo. Ascende à descoberta do simbólico, do subjetivo, do cultural. Uma reação às gerações da Escola dos Annales. A exemplo de Braudel, no final dos anos

1960, a *Nouvelle Histoire*, com a história das mentalidades e das sensibilidades, veias abertas por March Bloch e Lucien Febvre.

Foucault foi filiado ao movimento dos Annales e defendia a Arqueologia do saber, preocupado em não explicar o real, em não assumir verdades absolutas, dirigindo-se a abordagem desperta nas sutilezas do indivíduo, ainda Foucault.

Ora, por uma mutação que não data de hoje, mas que, sem dúvida, ainda não se concluiu, a história mudou sua posição acerca do documento: ela considera sua tarefa primordial, não interpretá-lo, não determinar se diz a verdade nem qual é seu valor expressivo, mas sim trabalho no interior e elaborá-lo; ela o organiza, recorta, distribui, ordena e reparte em níveis, estabelece séries, distingue e o que é pertinente do que não é, identifica elementos, define unidades, descreve relação. (FOCAULT p.7).

MULTIPLICIDADE E COMPLEXAS RELAÇÕES SOCIAIS

Fazemos a leitura através da memória, atribuindo significados, para o presente, este que é indissociável em relação ao passado. A memória como fonte historiográfica para a comunidade contribui decisivamente para o registro histórico do lugar, onde, cotidianamente constroem seus mundos, vivem, trabalham, se emocionam, sofrem, são felizes, e se percebem como sujeitos.

Algumas memórias, ou o modo de lembrar podem encontrar-se tanto de forma individual, como coletiva, ambas uma vez manifestadas nas pessoas e nas coisas, estão repletas de vivências, que são significativas para uma reflexão histórica, a partir da perspectiva coletiva ou privada do cotidiano das pessoas. São narrativas e ritos que em Lagoa da Areia dos Marianos, onde se assimilam relações de vizinhanças relações amorosas, relações de gênero, laços de sociabilidade, usos, costumes, hábitos e normas estabelecidas os tornam sujeitos da história.

A comunidade é essencialmente coletiva. O nascimento, a morte, os batizados, aniversários, casamentos celebra-se com todos. É na roda da debulha do feijão, ou na raspa da mandioca, na labuta dos mutirões, comenta-se, defende, condena-se e absorvem-se casos, numa completa naturalidade. Neste mesmo sentido a ajuda chega sempre primeiro. Há situações em que a individualidade deve ser quebrada, quando algum comunitário está passando por dificuldades, avia-se imediatamente um punhado de farinha, feijão, sal, uma barra de sabão, para aliviar as necessidades da vizinhança que se

encontra necessitada. Pode-se afirmar que em Lagoa da areia dos Marianos, as desigualdades sociais são resolvidas por iniciativas próprias de solidariedade.

Os signos modernos encontram dificuldade para contracenar com os habitantes desta comunidade, pois, encontrá-los pode ser uma “odisséia”, quantas, televisões, geladeiras, móveis, voltam para as lojas por não encontrarem seus respectivos compradores, por uma razão muito simples: os apelidos. Expliquemos, portanto a questão: nas lojas quem compra é o José, a Maria, o Pedro, o Manoel, o Sebastião... na comunidade estes são: Gogoia, Badi, Bitá, Tita, Rereco, Ricoisa, Tivil, Sufi. Os nomes de batismo e civil são desconhecidos. Pois na camaradagem são os apelidos que constituem os personagens e suas representações.

A comunidade de Lagoa da Areia dos Marianos é um ambiente propício para estudar o imaginário como força reguladora da vida coletiva, e o cotidiano, onde manifesta - se um contrato social de relação de parceria, um sistema de valores construídos principalmente através das relações de convivência.

Imaginário, cotidiano e memória são elementos para a construção do entendimento dos signos, que disputam a constituição da identidade camponesa, bem como os vínculos e as divisões criadas neste universo com ele mesmo e com o seu entorno.

O imaginário como patrimônio cultural do local, trás fatores determinantes para o cotidiano e identidade dos camponeses, estes que são personagens e fontes para a história oral, cuja memória é passada de gerações. Neste contexto, Burke (2000), nos adverte para a importância da história cultural para a historiografia. A pluralidade e diversidade, presente na História Cultural nos permite uma maior percepção do imaginário, do cotidiano e da memória.

CHOVEU! É TEMPO DE PLANTAR E DE COLHER

Quando chega o mês de março os camponeses iniciam sua prece, a lavoura durante o inverno estará garantida pela providência divina, através da intenção do Santo São José. Na crença da comunidade o sinal de “bom inverno” se dá, quando no dia 19 de março, dia em que se homenageia o santo, a chuva caia sobre a terra. A chuva representa “o sinal do céu” que o camponês pode plantar a semente na terra. O primeiro grão

costumeiramente que é plantado é o milho, para muitos, deve-se plantar mesmo no chão seco, pois acredita - se que sendo plantado no dia de São José, a semente germinará.

E se não chover? É costume na comunidade roubar a imagem de São José. Ou seja, na capela ou casa que tiver a imagem, alguém a rouba e a esconde. O lugar de seu cativeiro só será revelado quando a chuva descer sobre a terra e os camponeses devotos devolvem a imagem ao som de cantos, benditos e fogos de artifícios ao seu lugar de origem. Segundo os moradores de Lagoa da Areia dos Marianos, este ritual que tem passado de gerações na comunidade possui grande relevância, pois “o santo” nunca lhes faltou ao pedido. Como lembra – nos:

O dia de São José é uma espécie de confirmação, um último alento. Se nos meses de janeiro e fevereiro não chover e a natureza não oferecer nenhum indicio (um mero sinal, por mais irrisório que pareça) de que haverá chuva nas próximas semanas resta esperar o fatídico dia que representa a porta, o acesso a um ano de penúria. É comum se ouvir relatos na tradição oral sertaneja de anos que ofereceram todos os sinais que apontavam para seca, mas, ao contrário das previsões apresentaram uma abundância alvissareira, exatamente porque no dia de São José [...] choveu, ainda que uma chuva tímida e irregular. (ALVES, 2011 p. 39).

O camponês inicia seu trato na terra, broca, ara a terra para receber a semente. Quando é tempo de xaxar a lavoura junta - se nos batalhões os compadres e comadres, acunham suas enxadas, para a corruptela do xaxado ou sachado. Que é o ajuntamento da terra com a enxada no pé do caule da lavoura (milho, feijão, etc), com poucos dias de nascido. Quando chega o tempo da colheita, a exemplo do feijão - de - arranca, é espalhado os pés ainda com as vagens no terreiro exposto ao sol para secar. Toda casa camponesa deve ter um vasto terreiro, onde todo feijão passa por todo processo de secagem, até chegar ao ponto da batida ou fase da debulhação. Reunem - se a camaradagem, vizinhos, compadres e comadres num círculo ao redor de um monte de bajem, batendo com um pau e ao mesmo tempo chutando-as para virá - las. No mesmo ritmo da batida do fueiro e o movimentos de pés, sincronizadas com as pancadas, cantam versos improvisados, como forma de suavizar a labuta. Depois vem o peneirado na peneira ou arupemba, sacudindo os grãos pra o ar e aparando com muita habilidade o produto e deixando o vento levar as palhas.

Nunca mais haverá no mundo um ano tão bom. Pode até haver anos melhores, mas jamais será a mesma coisa. Parecia que a terra (á nossa terra, feinha, cheia de altos e baixos, esconsos, areia, pedregulho e massapê) estava explodindo em beleza. E nós todos acordávamos cantando, muito antes do sol raiar, passávamos o dia trabalhando e

cantando e logo depois do pôr-do-sol desmaiávamos em qualquer canto e adormecíamos, contentes da vida. Até me esqueci da escola, a coisa que mais gostava. Todos se esqueceram de tudo. Agora dava gosto trabalhar.

Os pés de milho cresciam desembastados, lançavam pendões e espigas imensas. Os pés de feijão explodiam as vagens do nosso sustento, num abrir e fechar de olhos. Toda a plantação parecia nos compreender, parecia compartilhar de um destino comum, uma festa comum, feito gente. O mundo era verde. Que mais podíamos desejar? E assim foi até a hora de arrancar o feijão e empilhá-lo numa seva tão grande que nós, os meninos, pensávamos que ia tocar nas nuvens. Nossos braços seriam bastantes para bater todo aquele feijão? Papai disse que só íamos ter trabalho daí a uma semana e aí é que ia ser o grande pagode. Era quando a gente ia bater o feijão e iria medi-lo, para saber o resultado exato de toda aquela bonança. Não faltou quem fizesse suas apostas: uns diziam que ia dar trinta sacos, outros achavam que era cinqüenta, outros falavam em oitenta. (TORRES, 2000, p. 586)

A tradição acaba sendo uma persistência no imaginário, no cotidiano e na memória camponesa. O fato de valorizarem e reproduzirem seus costumes, crenças e ideais, demonstram como é sua ligação com o tempo, que é mais vagaroso, mais dependente da natureza e das tradições. O torna o camponês sensível e afetuoso no trato com a terra:

Há um prazer fecundante que torna parceiros de uma relação amorosa o lavrador e a terra. Eu conheço que neste enlace de afeto está o desejo de tornar “culturalmente” culto o inculto, civilizado o selvagem, socializado e útil aquilo que, dado pela natureza ao homem, somente parece completar o ciclo de seu valor quando transformado de floresta em campo, de campo em terra de lavoura, de terra de lavoura em lavoura plantada e colhida. (BRANDÃO, in: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 26, nº 51, p. 25-45-2006.

É comum encontrar algum camponês recitando os preceitos do Padre Cícero em relação ao trabalho com a terra. A crença no padre cearense é mais um instrumento que fortalece o imaginário de que o sagrado contribui generosamente com o camponês e sua lavoura. Eis os preceitos do Padre Cícero em aconselhamento ao sertanejo no cuidado com a terra:

Cada casa seja um oratório e, ao mesmo tempo, uma oficina; cada quintal, uma horta; Procure adquirir sua moradia. Quem tem casa para morar, tem um pedacinho do céu, aqui na terra; faça uma cisterna no oitão de sua casa para guardar água da chuva; não derrube a mata, é ela que atrai a chuva; não toque fogo na roça, porque senão a terra fica cada vez mais fraca; prepare seu roçado: Choveu, plantou; nasceu, cuidou; colheu, guardou; não cace por brincadeira e deixe os bichos viverem; não crie o boi nem o bode soltos; faça cercados e deixe o pasto

descansar para se refazer; não plante de serra acima nem faça roçado em ladeira muito em pé, para que a água não arraste a terra e não se perca a sua riqueza; nunca plante uma coisa só, varie as culturas. E se uma não der, outra pode dar; represe os riachos de cem em cem metros, ainda que seja com pedras soltas; plante cada vez que puder um pé de umbu, de caju, de sabiá ou outra árvore qualquer, especialmente árvore natural da Caatinga, até que o Sertão todo seja uma mata só; aprenda a tirar proveito das plantas da Caatinga, como a maniçoba, a favela e a jurema; elas podem ajudar a conviver com a seca. (Walker, 2013).

Aos devotos do Padre Cícero estes preceitos devem ser seguidos, pois o não cuidado com a natureza evoca a ira e castigos divinos, como a seca, por exemplo. Os mais céticos da comunidade também acreditam nos preceitos, mas como visões de um homem acima do seu tempo, referindo-se ao Padre Cícero, e que a falta de chuva não é castigo e sim um fenômeno natural do clima do lugar.

O PAGODE

Originário das comunidades camponesas o pagode é uma dança muito popular. Tratando-se de um ritual que em Lagoa da Areia dos Marianos, está ameaçado de extinção, sendo os mais velhos condutores desta arte, ainda não conseguiram assegurar este conhecimento aos jovens da comunidade. Também conhecido como “pagode de aterro”, a dança é uma espécie de sapateado, onde homens e mulheres dançam em pares e ou em rodas.

Esta dança relacionada à construção de casas na comunidade, em regime de mutirão, era comum a 40 ou 50 anos atrás, o piso das casas serem finalizados com a “pisada do pagode”. Com o passar dos tempos isso foi se tornando uma “brincadeira”, como dizem os mais velhos.

O pagode é responsável também pela vida em comum em Lagoa da Areia dos Marianos, seja na construção das casas, seja em momentos de festa. Neste cenário, as pessoas se relacionam, construindo amizade, namoro, casamentos, ou desfazem laços em brigas em meio à embriaguez da cachaça. Porém, é no pagode que seus adeptos se realizam como pessoas protagonistas.

Em Lagoa da Areia dos Marianos, existem dançadores experientes e muitos conhecidos, como é o caso de Antônio Cícero Pinto, o “Toinho” 60 anos e Luzia Maria Pinto, 59 anos. Eles se conheceram durante uma festa de pagode e hoje são casados. Eles

têm o pagode como um elo muito importante na vida do casal e consideram que esta é a expressão cultural que melhor representa a comunidade, embora também reconheçam que as gerações mais novas não se importem em conhecer e praticar a arte. No entanto, é comum quando nos raros momentos em que se tem pagode na comunidade, encontrarem-se adultos, jovens e crianças “na roda”, contagiados pelo ritmo que o ganzá e as batidas dos pés reproduzem durante a dança.

As músicas são ou de domínio popular ou são criadas de forma improvisadas, de letras simples, mas muito significativas. O dançador Toinho, nos revela uma dessas músicas:

Rosa amarela olha ela como cheira,
rosa amarela moça bandoleira,
vem que eu quero te amar.
Ana vem cá, minha donzela querida,
que me vou tornar voltar.
Vou me tornar voltar pela força pesarosa,
pra meu botão de ouro, para me era gozar.

Não posso andar a pé,
só posso em carro embarcado,
naquela velocidade, lá pra cima do Sertão.
Não tenho embarcação,
mas tenho um carro *Chevrolet*,
uma máquina de pé, dois automóvel e um caminhão.

O ritmo é sempre orientado pela voz e a batida dos pés, iniciando com uma valsa: “porque se você não começar com a valsa num entra ninguém não, têm que pegar de surpresa, os cantador lá cantando aí você tem que pegar de surpresa [...] avisa ao tocador, aí pagode! Ah! ninguém sai mais não!” Explica Toinho. O sinal para mudar o ritmo está no grito do mestre [...] “o sinal pra mudar o ritmo, assim, ele tá cantando o pagode, e valceia menino, valceia, aí de repente, o menino faz ôôô, aí o pagode, aí os caba, aí começa o pagode pá, pá, pá [...]!” Como um sapateado.

No pagode encontram-se além dessas relações intrínsecas da comunidade, são comuns que seus adeptos sejam os mestres da danças e das rezas, ou seja, quem canta o

pagode, faz também as novenas, encomenda as almas, reza de “mal olhado”. Para entender melhor este ambiente, segue o relato de uma conversa entre Toinho e Luzia:

Luzia - sabe quem gosta de cantar *as cantiga* do pagode? A Zefinha [...], a Zefinha sabe, é o *mermo* que papai.

Toinho - E porque ela não bota pra cantar?

Luzia- [...]

Luzia- Mas uma coisa assim também é bom, as pessoas se reunir pra cantar as duas pessoa.

Toinho- Oi, pra você *tê* uma ideia, se alguém tivesse interessado [...] catecismo da reza ninguém quer rezar mais [...]

Luzia - a mãe sabia tudo na cabeça rezava tudo de *có*.

O pagode simbolicamente transmite os desejos e a busca pelo bem estar da comunidade, onde as pessoas e as manifestações se entrelaçam, se conjugam e exibem o desejo de permanência identitária. Vivenciado não mais como uma necessidade de ajuda na construção das casas, mas enquanto resistência, acomodado em festas onde são revelados os sinais da vida coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A guisa de despedida, mas sem nenhuma pretensão de encerrar por vez a discussão, o campo é vasto, e evoca os desafios do fazer historiográfico, a partir do cotidiano de comunidades específicas, como aqui foi narrado, muito pouco sobre Lagoa da Areia dos Marianos, onde se encontram os indivíduos na ordem comum das coisas, protagonistas anônimos da história.

Neste sentido, contempla, sobretudo, as relações sociais estabelecidas de formas complexas, repleta de tradicionalidade, mas reinventada sempre que possível, tornando-se resistência, na vida desses homens e mulheres comuns, trazendo suas falas, revistando passados e suas reinterpretações.

Procuramos fazer um diálogo com essas representações e narrativas, aqui, enquanto um elemento fundante e crucial na articulação entre memória e história do tempo vivido, do tempo simbólico ou subjetivo, presente na lembrança desses sujeitos, que a gerações reconstroem, palavras, coisas e ações através da oralidade. Em Lagoa da Areia dos Marianos, rituais e crenças contidas no seu imaginário, contribuem generosamente para a História Cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Elder Patrick Maia. A economia simbólica da cultura popular sertanejo-nordestina. Maceió, EDUFAL, 2011.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo, T. A. Queiroz, 1983.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O afeto da terra (1999). In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 26, nº 51, p. 25-45, 2006.

Burke Peter. O que é História Cultural? Trad. Sergio Goes de Paula. 2ª ed. Rio Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

CARVALHO, Horácio Martins de, et al. Apresentação a coleção. In: Clinifford Andrew et al. São Paulo, UNESP; Brasília, NEAD, 2009.

CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em ciências humanas e sociais. São Paulo: Cortez, 1995.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: Microfísica do poder. Organizado por Roberto Machado. Rio de Janeiro, Graal.

GOFF, Jacques Le. *História e Memória* Campinas, SP, Unicamp, 1990.

Walker. Daniel. Preceitos ecológicos do Pe. Cícero. Disponibilizado em: <http://www.apoema.com.br/paginaDaniel.htm>. Capitado em 18 de dezembro de 2013.

TORRES, Antônio. Por Um Pé de Feijão. In: Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século, Editora Objetiva - Rio de Janeiro, 2000.

